



Encontro marcado

Arno Fischer

***Ressentimento* rearticula psicanálise e teoria social e revela como as agruras da modernização podem ser vistas de forma despolitizada, numa espécie de embate entre algoz e vítima**

Vladimir Safatle

Desde Freud, a psicanálise não se contenta em ser apenas uma clínica da subjetividade, mas quer também ser reconhecida como teoria das produções culturais que procura desvendar a origem libidinal dos vínculos sócio-políticos e a estrutura pulsional das produções estéticas. Em seus piores momentos, isto deu no que atualmente se chama, com uma ponta de sarcasmo, “psicanálise aplicada”, ou seja, um certo imperialismo psicanalítico que sempre interpreta a multiplicidade dos fatos culturais à luz da repetição modular do Complexo de Édipo e da teoria da sexualidade infantil. Em seus melhores momentos, o resultado foi uma tensão criativa responsável por algumas das melhores páginas da teoria social do século 20, como *A dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, ou as *Contribuições para a compreensão do totalitarismo*, de Claude Lefort. Isto sem falar no impulso dado à renovação da crítica de arte através de nomes como Hal Foster, Rosalind Krauss e Georges Didi-Huberman. No entanto, a confrontação entre te-

RESSENTIMENTO

Maria Rita Kehl
São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004
248 pp. R\$28,00

oria social e psicanálise foi, a partir principalmente dos anos 1970, relegada ao ostracismo. Como se estivessemos diante de um estranho sobrevivente dos projetos utópicos do século 20. Vários trabalhos da Escola de Frankfurt marcados pelo recurso massivo à teoria freudiana na análise de fatos sociais começaram a ser criticados por um certo “déficit sociológico” que cresceria de maneira inversamente proporcional ao “superávit psicanalítico”. Como se a psicanálise tivesse impedido os frankfurtianos de levarem em conta a autonomia das múltiplas esferas de valores que compõem a vida social.

No entanto, por trás de críticas desta natureza, era impossível não ouvir o desconforto com a psicanálise, uma teoria que se recusa a deixar de operar no ponto de contato entre estruturas da subjetividade e modos de interação social. Recusa resultante da certeza de que um campo é sempre exposição sintomática do outro e de que, se a cura sempre obedece à particularidade do caso, ela não pode deixar de levar o sujeito a reconfigurar seus vínculos com a linguagem e com as insti-

tuções sociais. Neste sentido o recurso à psicanálise apenas realizava, a seu modo, a intuição de Max Weber a respeito da necessidade de explicar como a racionalidade dos vínculos sociais depende fundamentalmente da disposição dos sujeitos em adotar certos tipos de conduta. Não se tratava de incorrer em um “déficit sociológico”, mas de insistir que nenhuma perspectiva sociológica pode abrir mão de uma análise das disposições subjetivas, da compreensão do modo como os sujeitos investem os vínculos sociais libidinalmente. No próprio meio psicanalítico, porém, o recurso à reflexão sobre o social foi sendo paulatinamente desaconselhado. “O campo de atuação do analista é *o um a um*”, costumava-se dizer para justificar tal recusa. Embora a proposição fosse verdadeira, a conclusão não o era. Sendo o campo de atuação restrito ao particular e sendo a clínica analítica um modo de interação com uma série de peculiaridades, não se segue daí que o trabalho do analista não deva levar em conta o modo com que os sujeitos criam e lidam com os vínculos sociais. Tanto é assim que dificilmente pode-se imaginar, por exemplo, que alguém levado a con-

frontar-se com a verdade de seu desejo continue consumindo objetos a partir de um regime de fixação fetichista a um universo fantasmático das mercadorias. E se assim for, isto implica que o psicanalista seja capaz de, no campo do um a um, operar algo como uma crítica ao fetichismo que o obriga a saber articular metapsicologia e reflexão sobre os vínculos sociais. Articulação que não é simples subsunção de um campo ao outro, mas processo que deve, inclusive, assumir a possibilidade de revisão de *certos dispositivos* da clínica a partir da análise do estado da vida social. Sempre vale a pena lembrar que alguém como Jacques Lacan não fez outra coisa ao mostrar, por exemplo, como certos processos de subjetivação na clínica deveriam ser revistos a partir da reflexão sobre modos de formalização na estética contemporânea. Um texto como *Lituraterre* deve ser a partir desse ponto de vista.

De volta à teoria social O nome de Jacques Lacan não está sendo lembrado aqui em vão. De fato, foi pelas vias da perspectiva lacaniana que se operou uma recuperação massiva do campo de confrontação entre teoria social e psicanálise, isto a partir dos anos 1990. Recuperação impulsionada por um certo “lacanismo de esquerda” capitaneado por nomes como

Slavoj Žižek, Ernesto Laclau, Alain Badiou, entre outros. Mas, principalmente, recuperação que, para o bem e para o mal, encontrou um terreno fértil no campo dos *cultural studies*.

Este fenômeno de recuperação de Lacan por uma certa esquerda valeria, por si só, um artigo no qual intrincados processos de mediação e de recepção mereceriam ser cartografados. Processos que vão do destino do althussero-lacanismo com suas inúmeras inflexões, passando pela recepção do pensamento lacaniano pelas feministas anglo-saxãs, até as críticas ao multiculturalismo e a política de identidades fermentadas nos *campi* norte-americanos.

Mas, para além do problema da “história contemporânea das idéias”, não devemos esquecer de certas características peculiares da experiência intelectual lacaniana. A função central da estrutura sócio-linguística na determinação de modos de individuação *que equivalem necessariamente a processos de alienação* levou o pensamento lacaniano a valorizar os movimentos de ruptura e de reconfiguração da ordem social, isto a ponto de ver, em certas circunstâncias, Antígona [personagem de Sófocles interpretada tradicionalmente como a encarnação do conflito entre a esfera familiar privada e a esfera pública da pólis] como paradigma de posição

subjetiva no final de análise. Pois, para Lacan, toda individuação passa necessariamente pela lógica da socialização. No entanto, a socialização não é simples *formação* da subjetividade, mas *submissão* a estruturas prévias de organização da vida social e de usos da linguagem. Ou seja, toda individuação seria uma alienação.

Por outro lado, sua crítica precoce à redução, em solo norte-americano, da psicanálise a um processo adaptativo o levou, necessariamente, a partilhar algumas temáticas anteriormente abordadas pela primeira geração dos freudo-marxistas. Por fim, não poderíamos esquecer que o problema da reconfiguração dos vínculos sociais é tão central para Lacan que ele se viu obrigado (e neste ponto seu caso é único na história do movimento analítico) a articular, de maneira estreita, final de análise e institucionalização da posição dos sujeitos a partir da construção de novos vínculos sociais em comunidades de analistas. Isto porque um problema lacaniano central é: como aqueles que passaram pelo final de análise podem construir novos laços sociais (restritos, no caso, a pequenas comunidades como escolas e instituições psicanalíticas)? As respostas parecem ter sido, até agora, insuficientes.

Mas o que nos interessa aqui é lembrar como esta recuperação do campo de confrontação entre teoria social e psicanálise a partir de dispositivos de inspiração lacaniana vem marcando a produção psicanalítica nacional. O que era de se esperar tendo em vista a grande influência do lacanismo no meio psicanalítico brasileiro. É no interior deste processo que podemos apreender livros como *Ressentimento*, recentemente lançado por Maria Rita Kehl. Um livro que tem o interesse suplementar de não se furtar a analisar uma posição subjetiva que diz muito a respeito de certos processos de modernização em sociedades periféricas como a nossa.

Lógica da vitimização O ressentimento não é exatamente um conceito psicanalítico, mas a autora está disposta a transformá-lo em operador de reflexões a respeito de certos entrecruzamentos entre clínica e sociedade contemporânea. Isto a obriga a uma cons-

Jacques Lacan (com os netos): ele mostrou como certos processos de subjetivação na clínica deveriam ser revistos a partir da reflexão sobre modos de formalização na estética contemporânea



Pesquisa ODI

trução que procura mobilizar elaborações freudianas sobre a covardia moral e a melancolia, elaborações lacanianas sobre as relações de objeto, considerações de Nietzsche sobre o ressentimento, análise de obras literárias que colocam em circulação uma “estética do ressentimento” e reflexões sobre certos impasses da ação política. O resultado é a síntese de uma categoria que pode realmente dar conta tanto de certos impasses clínicos (já que o ressentimento seria uma posição vinculada principalmente à neurose obsessiva e que impediria o progresso analítico) quanto de certos fracassos de demandas de reconhecimento devido à entificação de uma lógica da vitimização.

O livro parte de uma definição simples: “Ressentir-se significa atribuir a um outro a responsabilidade do que nos faz sofrer”. Tal responsabilidade apareceria sob a forma de ressentimento porque, e aí seguindo Nietzsche, o ressentido não se atreveria a responder à altura da ofensa recebida, sua palavra teria ficado bloqueada no instante em que a defesa foi necessária. Esquema que poderia dar conta de processos de exigências triviais de reparações morais se não fosse pelo fato do Outro aparecer, no ressentimento, sob o quadro fantasmático de figuras infantis nas quais convergem mecanismos de identificação e de rivalidade. Assim, esta impossibilidade, própria ao ressentimento, de esquecer o agravo seria, na verdade, regime de sustentação de demandas de reconhecimento pautadas por exigências narcísicas em voga nas dinâmicas contemporâneas do individualismo. A aproximação das expectativas de reparação do ressentimento com a noção lacianiana de *privação* visa salientar o verdadeiro caráter destas demandas. Pois a privação indicaria a perda de um objeto cujo valor é simbólico, perda imputada à ação de um agente vinculado a representações imaginárias de rivalidade e afeto.

Isto talvez nos esclareça porque “o derrotado só se torna ressentido quando deixa de se identificar como derrotado e passa a se identificar como vítima, sobretudo vítima *inocente* de um vencedor que, nesses termos, passa a ocupar o lugar de culpa-



Maria Rita Kehl (durante debate na USP), autora de Ressentimento: o livro não se furta a analisar uma posição subjetiva que diz muito a respeito de certos processos de modernização em sociedades periféricas como a brasileira

do”. Ou seja, não se trata simplesmente de exigências de reparações morais por injustiça, mas de reconhecimento da condição de vítima por um Senhor que deve aparecer, ao mesmo tempo, como rival imaginário e objeto de identificação simbólica. Neste sentido, as demandas do ressentido não são enunciadas para serem satisfeitas. Elas são enunciadas para justificar moralmente a inação de quem não procura reordenar situações, mas simplesmente ser reconhecido como vítima por representações do poder que possam dizer, como Clinton: “*I feel your pain*”, vítima a quem nenhuma responsabilidade pode ser imputada. E lá onde nenhuma responsabilidade pode ser imputada, nenhum sujeito pode ser constituído.

Conflitos bloqueados Maria Rita Kehl tem o mérito de perceber como esta estrutura do ressentimento é uma posição subjetiva socialmente estimulada pelos conflitos sociais na contemporaneidade. Daí porque ele seria: “o afeto característico de impasses gerados nas democracias liberais modernas, que acenam para os indivíduos com a promessa de uma igualdade social que não se cumpre, pelo menos nos termos em que foi simbolicamente antecipada”. Como se o res-

sentimento indicasse uma certa modernização imperfeita na qual os critérios normativos são consensualmente aceitos mas suas condições performativas estão parcialmente bloqueadas. Situação ainda mais visível e explosiva em sociedades nas quais tais critérios mostram sua flexibilidade em servir de estrutura de justificação para realidades sociais retardatárias, como é o caso de Brasil.

De fato, tal descompasso entre critérios e performances poderia produzir a revolta política com suas reivindicações republicanas, mas ele produz ressentimento a partir do momento em que os discursos sociais hegemônicos direcionam-se aos sujeitos a partir de uma certa “política da vitimização”. Pois a distância que separa sujeitos que interferem na esfera política tendo em vista o cumprimento de expectativas de modernização (neste ponto, Kehl traz, com propriedade, o caso dos desaparecidos políticos na América Latina) de indivíduos que exigem serem socialmente reconhecidos como vítimas é grande [ver o artigo “Ressentimento e rememoração” de Maria Rita Kehl no caderno **Opi-nião** desta edição]. Ela separa a possibilidade de ação política e um tipo de exigência na qual se misturam configurações narcísicas próprias do in-

o site da revista
REPORTAGEM
da oficina de
informações

um projeto
da imprensa
brasileira a
serviço dos
trabalhadores
na era da
globalização

Um empreendimento de jornalistas, intelectuais, propagandistas e outros trabalhadores da imprensa a serviço da popularização do conhecimento e da compreensão das características básicas do processo de globalização no qual o Brasil está inserido.

Além da **revista mensal**, uma **edição diária** com os fatos mais relevantes do Brasil e do mundo, na Política, na Economia, na Situação Social, na Cultura e na Ciência; um **ponto de vista** diário sobre um tema de importância da conjuntura nacional ou internacional.



Segundo Kehl, ressentimento é “o afeto característico de impasses gerados nas democracias liberais modernas” e “o avesso da política” (acima, a campanha das Diretas Já, praça da Sé, São Paulo, 1984)

dividualismo com expectativas de igualdade simbólica.

Este ponto ganha ainda mais importância se lembrarmos a amplitude das políticas de vitimização na sociedade contemporânea. Giorgio Agamben trabalhou à exaustão este tema em seu *Homo sacer*; assim como Alain Badiou com seu *Ética*. Tais elaborações servem para nos lembrar como as políticas de vitimização são processos eficazes para bloquear conflitos sociais que, muitas vezes, precisam produzir a reconfiguração do campo social e do ordenamento jurídico para serem equacionados em suas exigências de reconhecimento. Refugiados vítimas do “mal radical”, pacientes com depressão vítimas de seus próprios corpos, neuróticos vítimas de constelações familiares, trabalhadores vítimas do desmantelamento do estado de proteção social (e que não procuram superá-lo de maneira revolucionária, mas simplesmente continuarem protegidos). A lista é heteróclita e extensa. No entanto, ela demonstra como uma lógica convergente atua em campos autônomos da vida social. Trata-se de uma lógica astuta pois, ao mesmo tempo em que reconhece a correção das demandas sociais por reparação, ela as desloca para um campo fora do político com sua dinâmica de modificações estruturais, ou seja, para um campo de representações imaginárias do poder.

Fica aqui a certeza de que, neste caso, a mesma lógica que age para o esvaziamento do campo político, age para o bloqueio dos modos de subjetivação da clínica analítica. Pois, da mesma forma como “o ressentimento é o avesso da política”, ele é o avesso do que uma análise pode produzir. Neste sentido, as colocações de Maria Rita Kehl sobre a impossibilidade de analisar ressentidos ganham uma rica conotação. Assim, ao compreender o ressentimento como estratégia de desmobilização das exigências de reconhecimento dos sujeitos, Maria Rita Kehl pode mostrar o tipo de contribuição que a psicanálise ainda é capaz de dar a uma discussão ampla sobre as possibilidades contemporâneas do político. Pois, para além de análises sistêmicas das possibilidades de reconhecimento, precisamos aprender a se servir de “análises de caso” que demonstrem a complexidade dos modos como sujeitos investem libidinalmente os vínculos sociais e, muitas vezes, invertem aspirações normativas. Neste ponto, o recurso à psicanálise mostra-se fundamental para a consolidação de uma teoria social renovada. ■

Vladimir Safatle é professor do Depto. de Filosofia da Universidade de São Paulo e organizador dos livros *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise* (Unesp) e *O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise* (Autêntica).